

# NOLITE ARBITRARI QUA VENERIM MITTERE PACEM IN TERRAM; NON VENI PACEM MITTERE SED GLADIUM: A GUERRA COMO FUNDAMENTO DE JUSTIÇA CONTRA OS INIMIGOS DA FÉ (SÉC. XIII-XV)

*NOLITE ARBITRARI QUA VENERIM MITTERE PACEM  
IN TERRAM; NON VENI PACEM MITTERE SED  
GLADIUM: THE WAR AS THE FOUNDATION OF  
JUSTICE AGAINST THE ENEMIES OF FAITH (13<sup>TH</sup> TO  
15<sup>TH</sup> CENTURIES)*

**Michele de Araújo<sup>1</sup>**

Mestrado em História pelo PPGHIS/UnB

**Resumo:** A doutrina cristã prega uma mensagem de "paz". A dificuldade dos pensadores cristãos foi justamente a de conciliar as exigências de paz e justiça com a guerra. Partindo desse problema – da construção discursiva da legitimação da guerra contra os inimigos da fé – analisaremos a iluminura constante na *Summa de Virtutibus et Vitiis* de Guilherme Peraldo (séc. XIII), e as obras, *Estado e Pranto da Igreja*, de Álvaro Pais (séc. XIV), e o *Fortalitium Fidei*, de Alonso de Espina (séc. XV). Para esses teólogos, não se condena a guerra, como antítese da paz, mas ao contrário, faz-se a guerra para conquistar a paz e, assim, poder fazer justiça. Os *milites christi* tinham como objetivo estender o reino de Cristo ao mundo dos homens

**Abstract:** Christian doctrine preaches a message of "peace." The difficulty of Christian thinkers was precisely to reconcile the demands of peace and justice with war. Starting from this problem - from the discursive construction of the legitimacy of war against the enemies of the faith - we will analyze the illustration in the *Summa of Virtutibus et Vitiis* by Guilherme Peraldo (13th century), the *State and Tears of the Church* by Álvaro Pais (14th century), and the *Fortalitium Fidei*, by Alonso de Espina (15th century). For these theologians war is not conceived in opposition to peace, but on the contrary, to make war is necessary to achieve peace and thus to do justice. The *milites christi* aimed to extend the kingdom of

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pelo PPGHIS/UnB; Bolsista CNPq; Professora substituta de História Antiga e Medieval pela Universidade de Brasília. E-mail: misha.historia@hotmail.com.

através da espada. O ato de pegar em armas torna-se quase um sacramento (um ato de consagração a Cristo). A missão do bom soldado seria a de pacificar os homens, manter e defender o cristianismo e vencer os infiéis. Somente assim se poderia atingir a justiça proclamada por Deus.

Christ to the world of men by the sword. The act of taking up arms becomes almost a sacrament (an act of consecration to Christ). The mission of the good soldier would be to pacify men, to maintain and defend Christianity, and to defeat infidels. This is the only way to achieve the justice proclaimed by God.

**Palavras-chave:** Guerra – paz – justiça.

**Keywords:** War – Peace – justice.

Os teólogos medievais dividem o mundo em dois grupos opostos, dirigidos por dois princípios irreconciliáveis: os *milites christi* que seguem a vontade de Cristo encarnada na Santa Igreja e os inimigos da fé. Conforme os teólogos medievais, a vida cristã é descrita como uma batalha e os cristãos como soldados. O conselho de Paulo, em Efésios, 6 é significativa:

Revesti a armadura de Deus, para poderdes resistir às insídias do diabo. Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais. Por isso deveis vestir a armadura de Deus, para poderdes resistir no dia mau e sair firmes de todo o combate.<sup>2</sup>

O Evangelho produz uma guerra na alma, guerra que exige o abandono dos velhos hábitos do pecado, que devem ser substituídos por motivos e normas diametralmente opostos aos do mal. Contudo, a velha natureza humana não morrerá sem luta até o final. A vida do homem sobre a terra é uma milícia, uma guerra contra ele mesmo e contra o mundo. Conseqüentemente, os homens são facilmente atraídos pela complacência, seduzindo-se por caminhos desviantes com falsa aparência de virtude. O coração e a mente convertem-se em um campo decisivo de luta, onde a entrega a Cristo e à Igreja é o único preço aceitável para se alcançar a paz e a justiça.

<sup>2</sup> **BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Paulus, 2002. De agora em diante: BÍBLIA DE JERUSALÉM.

Conforme Malegam,<sup>3</sup> a paz é como um sacramento. Na visão da Igreja medieval, existe uma ordem cósmica que se incorpora na *ecclesia*,<sup>4</sup> na qual se assenta a própria manutenção. Todas as pessoas partilham dessa ordem por meio de sua conexão com a Igreja. Neste sentido, ela se torna o receptáculo da paz, da mesma forma que serve como condutora da graça de Deus. A paz somente pode ser encontrada por intermédio da batalha contra as urgências materiais do mundo, sendo revelada por meio da luta contra os agressores externos e internos.

A Igreja, portanto, apresenta-se como um corpo cuja tarefa é absorver todas as pessoas por meio da pacificação. Visualiza-se a paz como uma comunidade de fiéis sob um regime justo, dirigido por uma autoridade espiritual, compreendendo, inclusive, aqueles que foram unificados por meio da violência: como os hereges, judeus e sarracenos. A ideia é clara: a paz genuína demanda força.

Conforme se adverte no Livro de Jó: “A vida do homem sobre a terra é uma guerra”.<sup>5</sup> Os autores medievais geralmente associam essa frase com a luta do homem contra sua propensão para o mal. Contudo, a guerra não se opera unicamente internamente, em um combate entre virtudes e vícios, mas também externamente, contra os inimigos da fé em geral. Portanto, seja para a luta contra os vícios interiores, quanto contra os inimigos exteriores – hereges, judeus, sarracenos e, até mesmo, os demônios, as virtudes repelem os pecados e são elementos fundamentais para derrotar os inimigos da Igreja.

Para a tradição medieval, a virtude não é somente uma realização do potencial de bondade inata na alma humana, mas uma vitória contra os defeitos arraigados à natureza humana desde a queda. Na percepção cristã, fortemente influenciada por Santo Agostinho, a virtude somente é alcançada em uma perpétua luta entre o homem e seus maiores medos e desejos. Como consequência da queda do homem, a

---

<sup>3</sup> MALEGAM, Jehangir Yezdi. **The sleep of Behemoth. Disputing peace and violence in Medieval Europe, 1000-1200.** New York: Cornell University Press, p.33

<sup>4</sup> O termo *ecclesia* aqui deve ser entendido em seu sentido mais amplo, ou seja, a própria *respublica christiana* que em seu seio abarca, simultaneamente, o clero e a comunidade de fiéis.

<sup>5</sup> *Militia est vita hominis super terram.* Na bíblia de Jerusalém, Jó 7:1 está traduzido como: “Não está o homem condenado a trabalhos forçados aqui na terra? **Não são seus dias os de mercenário?** O substantivo *militia* em latim possui vários significados: campanha, expedição, operação militar, guerra, e, por extensão: soldados, tropas, exército, milícia. Optamos por manter o sentido original da fonte.

virtude é facilmente perdida por meio do pecado e somente reconquistada a grande custo. Não há dúvida, portanto, que a virtude está intimamente conectada, no pensamento moral medieval, com a supressão do pecado e, por conseguinte, das heresias.

O combate às heresias apenas pode ser entendido em um contexto cujo objetivo era o estabelecimento da paz na cristandade. Atingir a paz pode ser tão belicoso quanto a própria guerra. Contrariamente ao que se costuma conceber, que a violência é uma agressão, no medievo a violência é tão essencial para a manutenção da *ordo* social quanto a paz. Neste sentido, precisamos compreender o próprio sentido da violência no medievo, para perceber sua relação com a justiça.

Conforme Malegam,<sup>6</sup> o termo *violentia* implica, antes, a quebra da ordem social, seja por meio do rompimento ou falsificação dos laços pessoais e sacramentais, seja por meio do ataque ao próprio edifício da fé. Por outro lado, a paz não seria a ausência do conflito, mas seria o próprio conflito. "*Authentic peace was the insurrection of spirit against flesh in self an society, manifested in turbulent acts of transformation...*".<sup>7</sup> A natureza do homem é a guerra, uma guerra que visa, antes, o estabelecimento da paz. O objetivo é claro, a tentativa de alcançar a Jerusalém Celeste na terra – tentativa, aliás, que sempre fracassará, dada a natureza imperfeita do homem.

A paz tornar-se-á a grande motivadora das guerras. No contexto da perseguição aos inimigos da fé, a guerra não será apenas necessária, mas, sobretudo, justa. Na perspectiva da Igreja, seus inimigos agridem a ordem social e rompem com a justiça divina. Assim, para restabelecer a paz e a própria justiça, justifica-se o combate aos inimigos da fé. Para que o combate seja considerado legítimo e, portanto, justo, é necessário preparar o cristão por meio das virtudes. Por intermédio delas, os cristãos expulsam os vícios que maculam a alma e tornam-se dignos de lutar em nome de Cristo e da Igreja.

---

<sup>6</sup> MALEGAM, op. cit. p. 6.

<sup>7</sup> Ibidem.

Os autores medievais frequentemente contrastam os vícios capitais com as virtudes teológicas e cardeais.<sup>8</sup> Cada vício, e suas subespécies, é apresentado de forma oposta ao seu “remédio”, as sete principais virtudes, das quais derivam todas as outras. Conforme Álvaro Pais, no *Estado e Pranto da Igreja*:

[...] o temor expelle a soberba, porque humilda o coração; a piedade, a inveja, porque comunica os bens; a ciência, a ira, porque ilumina a alma; a fortaleza, a acídia, porque expulsa o torpor; o conselho, a avareza, porque dá o supérfluo aos pobres; o entendimento, a gula, porque a tempera; e a sabedoria, a luxúria, porque, uma vez provado o espírito, a carne perde o sabor.<sup>9</sup>

Podemos imagetivamente visualizar essa lógica argumentativa por meio de uma iluminura disponível no site da British Library, do séc. XIII, que retrata um cavaleiro em um combate justo contra os pecados e os vícios. Cuidadosamente planejada e lindamente desenhada, a iluminura bifoliada coloca, em uma mesma estrutura conceitual, cavalaria e religião em um diálogo de complementaridade. A iluminura faz parte da obra *Summa de Virtutibus et Vitiis*, de Guilherme Peraldo, e apresenta um par simétrico de virtudes e vícios.

---

<sup>8</sup> De acordo com Manchado, a noção de pecado e, por conseguinte, a do vício, será o elemento básico das formas de interpretação do mundo. Contudo, as noções encontradas ao longo dos séculos XIII-XV são fruto das reflexões realizadas ao longo de todas as fases da Idade Média e, quiçá, anterior a ela se levarmos em conta os escritos produzidos pela patrologia grega e latina anterior ao séc. V. Dentre esses teólogos, Manchado destaca Prudêncio, que, entre os anos 398 a 400 d.C escreve uma obra chamada *Psychomachia*. Conforme a própria autora destaca: “Prudencio no utiliza la palabra ‘pecado’, sino que denomina ‘vicios’ a essas inclinaciones del alma. El alma del Cristiano se halla expuesta a las tentaciones del vicio, y disse Prudencio: ‘Tú, Guía bueno, no abandonaste a los cristianos, pobres de grandes virtudes y necesitados de fuerzas, al arbitrio de los vicios devastadores’. Tales vicios devastadores son llamados ‘monstruos’ (monstri)”. In: MANCHADO, Ana Isabel Carrasco. Sentido del pecado y clasificación de los vicios. In: OJEDA, Esther López. *Los caminos de la exclusión em la sociedad medieval*. pecado, delito y represión. XXII Semana de Estudios Medievales, Nájera. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2012.

<sup>9</sup> PAIS, Álvaro. *Estado e Pranto da Igreja*. Vol. VIII. MENESES, Miguel Pinto de. (trad.). Fundação para a ciência e a tecnologia, Lisboa, 1998, p. 373-375. De agora em diante: PAIS, EPI, Vol. VIII, p. 373-375.



**Figura 1:** Ilustração do manuscrito do séc XIII *Summa de virtutibus et vitiis* c. 1236 de Willelmus Perardus. Disponível em:

<http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/ILLUMIN.ASP?Size=mid&IllID=28167>.

Acesso em março de 2018.

Chama especialmente a atenção, nessa imagem, o fólio da direita onde se retrata um cavaleiro cuja armadura e equipamentos são nomeados com uma série de qualidades cristãs:

Elmo	<i>Spes futuri gaudii</i>	Capacete da esperança futura
Lança	<i>Perseverantia</i>	Perseverança
Estandarte da lança	<i>Regni celestes desiderium</i>	Desejo pelo reino dos céus
Escudo	<i>Fides</i>	Fé
Espada	<i>Verbum Dei</i>	Verbo de Deus
Túnica	<i>Christiana</i>	Religião cristã

	<i>religio</i>	
Cota de malha	<i>Caritas</i>	Caridade
Cavalo	<i>Bona voluntas</i>	Boa vontade
Rédeas	<i>Discrecio</i>	Discrição
Sela	<i>Humilitas</i>	Humildade
Espora	<i>Discipline</i>	Disciplina
Ferradura traseira direita	<i>Consuetudo</i>	Costume
Ferradura traseira esquerda	<i>Bonum opus</i>	Boas Obras
Ferradura frontal direita	<i>Consensus</i>	Concórdia
Ferradura frontal esquerda	<i>Delectatio</i>	Deleite
Estribo	<i>Propositum boni operis</i>	Proposição de boas obras

O cavaleiro é coroado por um anjo, e precedido por sete pombas (sete dons do Espírito Santo). Ele está totalmente coberto pela armadura, à exceção dos olhos, que encaram o inimigo. O anjo que o coroa carrega dois dísticos. No primeiro, que pende da mão esquerda do anjo, há uma citação de São Paulo: “não será coroado a menos que lute de forma justa”.<sup>10</sup> É justamente nesta parte da epístola que a frase *miles Christi* primeiro aparece, e sua alusão implícita é a pista que fornece a identidade do cavaleiro na imagem: um perfeito soldado de Cristo. O cavaleiro desenhado de forma tão proeminente simboliza a heroica luta da citação bíblica, em

<sup>10</sup> Non coronabitur nisi qui certaverit. Na bíblia de Jerusalém assim aparece: “... não recebe a coroa se não lutou segundo as regras”. Timóteo 2:5

Jó: *Militia*<sup>11</sup> est vita hominis super terram, localizada no topo do dístico. Da mesma forma, tais referências simbolizam o ideal cristão de cavalaria:

Knights, if they wish to be soldiers of God, must wield both temporal and spiritual arms: the former to protect the Church and their homelands, the latter to combat the enemies of their souls. Balance between the two was essential since external service (earthly combat) was empty and meaningless without its internal counterpart (spiritual combat). By ensuring the proper equilibrium, knights could fulfill their assigned role in the world while actively working to ensure their own salvation.<sup>12</sup>

Tal narrativa tem a sua raiz na carta paulina enviada aos efésios, a qual exorta aos crentes a se revestirem com toda a armadura de Deus, especificando suas partes e seus respectivos significados.<sup>13</sup>

Finalmente, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti a armadura de Deus, para poderdes resistir às insídias do diabo. Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais. Por isso deveis vestir a armadura de Deus, para poderdes resistir no dia mau e sair firmes de todo o combate. Portanto, ponde-vos de pé e *cingi os rins com a verdade e revesti-vos da couraça da justiça* e calçai os pés com zelo para propagar o *evangelho da paz*, empunhando sempre o escudo da fé, com o qual poderei extinguir os dardos inflamados do Maligno. E tomai o *capacete da salvação* e a espada do Espírito que é a Palavra de Deus. Com orações e súplicas de toda a sorte, orai em todo tempo, no Espírito, e para isso vigiai com toda perseverança e súplica por todos os santos.<sup>14</sup>

O dístico na mão direita do anjo descreve as beatitudes, transformando os ensinamentos de Cristo proferidos no Sermão da Montanha:

<sup>11</sup> *Militia*, subst. fem. que significa serviço militar e a partir disso: campanha, expedição, operação militar, guerra; e por extensão: soldados, tropas, exército, milícia. Todos esses sentidos emergem na ilustração.

<sup>12</sup> MACGREGOR, James B. **Negotiating knightly piety: the cult of the warrior-saints in the west, ca. 1070-ca. 1200**. In: Church History, vol. 73, n.2, jun. 2004, p. 317-345.

<sup>13</sup> A inspiração e as referências paulina vêm do Antigo Testamento como, por exemplo, Isaías 11: 5: "A justiça será o cinto dos seus lombos e a fidelidade, o cinto dos seus rins", ou Isaías 59: 17: "Vestiu-se da justiça como uma couraça, pôs na cabeça o capacete da salvação, cobriu-se de vestes de vingança – como de uma túnica -, vestiu-se de zelo como de uma capa". Encontramos semelhante narrativa na Sabedoria de Salomão 5: 17-20: "Tomará a armadura de seu ciumento ardor, armará a criação para vingar os inimigos; vestirá a couraça da justiça, cingirá como capacete um julgamento irrevogável; usará o escudo da invencível santidade; afiará a espada de sua ira implacável; a seu lado, contra os insensatos pelejará o universo".

<sup>14</sup> **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Efésios, 6: 10-19. Grifos nossos.



1. Ipsorum est regnum celorum → Deles é o reino dos céus
2. Ipsi possidebunt regnum → Eles possuirão o reino
3. Ipsi consolabuntur → Eles serão consolados
4. Ipsi saturabuntur → Eles serão saciados
5. Ipsi misericordiam → Eles alcançarão a misericórdia
6. Ipsi Deum videbunt → Eles verão Deus
7. Ipsi Filii Dei vocabuntur → Eles serão chamados filhos de Deus

Dessa forma, sugere-se que o simbólico cavaleiro, que luta contra o mal, possui suficiente mérito para ganhar tais favores divinos, embora não se especifiquem os requisitos necessários para receber cada uma dessas bênçãos. Em outras palavras, não há indícios declarados de que o destinatário deva ser pobre de espírito, manso, aflito, faminto e sedento por justiça, misericordioso, puro de coração, pacífico e perseguido. Estabelece-se uma tensão entre as beatitudes e as palavras marciais de Jó no topo do fólio.

O cavaleiro retratado estaria, portanto, exercendo o trabalho lícito e justo de seu *ordo*, abençoado por Deus, que endossa a guerra justa. Apesar de esse ofício parecer separar-se da esfera do sagrado, o trabalho virtuoso, na realidade, encontra paralelos com o sofrimento e o heroico trabalho de Cristo. Em um primeiro nível aproxima-se de Cristo<sup>15</sup>, pois enfatiza o sofrimento dos *milites Christi* no exercício das armas; em um segundo nível, estabelece a natureza meritória de seu ofício. A guerra, portanto, é sacralizada. O objetivo aqui é claro: o inimigo pode ser morto ou destruído com uma certeza moral, porquanto o cavaleiro tem um senso de ganho do mérito espiritual.

---

<sup>15</sup> "This is a parable of the Fall and Redemption in which a knight, Christ, rescues his bride, the soul or the Church, from an abductor with whom he engages in mortal combat (P1. 6a); the armour worn by the Christ-knight is preserved by the bride as a memorial. This bloodstained memento of the battle provides the constant element in the many recensions of the story, for the details of the narrative vary radically: sometimes the bride is faithless, at others she is deceived; sometimes the Christ-knight dies in battle, at others he triumphs". In: EVANS, Michael. **An Illustrated Fragment of Peraldus's Summa of Vice**: Harleian MS 3244. Disponível em: [http://www.jstor.org/stable/750966?seq=1&cid=pdf-reference#references\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/750966?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents). Acesso em: 19/out/2017.

Tais preceitos não se aplicariam somente ao soldado espiritual, isto é, religioso ou clérigo, mas também aos soldados temporais. O apóstolo Paulo usou a armadura de um soldado romano para ilustrar o equipamento espiritual que os cristãos deveriam usar para serem bem-sucedidos no combate contra os inimigos da fé. Peraldo usou como modelo um cavaleiro do séc. XIII.

Tal tradição – imagética e discursiva – aparece sob a pena de Álvaro Pais, em *Estado e Pranto da Igreja*, e de Alonso de Espina, em *Fortalitium Fidei*. Eles se utilizam da referência paulina para descrever como o bom cristão deve agir e, principalmente, se preparar para a guerra contra os hereges. Alonso de Espina dá um passo além e descreve a forma como os cristãos devem revestir-se da armadura da fé para entrar em combate. Para cada peça da armadura, Espina explicita como o cristão deve se apropriar dela.

Sobre a primeira armadura, Espina argumenta:

Diz o apóstolo com relação à primeira armadura: estando vossos lombos cingidos pela verdade, com esta os fiéis protegem-se contra o inimigo familiar, assim como contra a luxúria, da qual se diz em Jó XI: “a força dela está nos seus lombos” como neles está sua força geradora.<sup>16</sup>

Álvaro Pais, apropriando-se dos escritos de Gregório VII, explica que “cingimos os rins, quando contrariamos a luxúria da carne com a continência”.<sup>17</sup> Espina, com base na tradição semítica, deixa claro que o rim é um filtro para a verdade que prepara o cristão para a ação. Cingir os rins significa, portanto, preparar-se para a batalha à luz da verdade. O cingir dos rins, ou dos lombos, é o primeiro passo na preparação para a guerra espiritual entre os cristãos e o mundo.

A segunda peça da armadura é a couraça da justiça. A virtude da justiça possui dois níveis: o homem justo pode exercê-la em si mesmo, como também em relação ao próximo. Como virtude moral, ela consiste na vontade constante de dar a cada um

<sup>16</sup> “De prima armatura dicit apostulus, state succincti lumbos vestros in veritate, hac muniuntur fideles contra hostem familiarem sicut contra luxuriam, de qua dicitur Job XI, “fortitudo eius in lumbis eius” quam in eis est vis generatia”. In: ESPINA, Alonso de. **Fortalitium Fidei**. Liber Primus. Fol. II retro. Edição de 1475, disponível em: <http://dx.doi.org/10.3931/e-rara-19695> acesso em: 19/out/2017. A partir de agora: FF. Fol. II retro.

<sup>17</sup> PAIS, Álvaro. **Estado e Pranto da Igreja**. Vol. III. MENESES, Miguel Pinto de. (trad.). Fundação para a ciência e a tecnologia, Lisboa, 1991, p. 135.

aquilo que lhe é devido. Por outro lado, a justiça não trata somente de distribuir os bens que cabem a cada um, mas também de tratar cada pessoa de acordo com sua dignidade. O homem justo distingue-se pela correção habitual de seus pensamentos e pela retidão de sua conduta para com o próximo. A justiça é sempre relativa a outrem, pois é a regra, a norma, que rege os homens, a sociedade e a comunidade.

Alonso de Espina, assim como Álvaro Pais, informam que a couraça da Justiça protege o homem do vício da avareza:

Sobre a segunda armadura que é a virtude da justiça, expõe o apóstolo sobre ela: e vestir a loriga da justiça protege os fieis que estarão contra a hoste da avareza, da qual se diz em Eclesiastes IV: "nada mais iníquo que amar o dinheiro". E diz da loriga da justiça, que se esta protege todo o corpo, assim deve a justiça dar a cada um, universalmente, para que liberte a todos, e ninguém possa agir contra ela. Isaías LIX: Vestiu-se da justiça, como de uma loriga.<sup>18</sup>

Vestida a couraça da justiça, Espina enfatiza que se deve calçar as sandálias da paz, compostas de quatro partes: a primeira protege o cristão contra a infidelidade e a concupiscência, a segunda protege contra o orgulho, a terceira é para o amor a Deus e ao próximo e a quarta para a virtude.<sup>19</sup> Num sentido evangélico, os pés calçados podem enfrentar os terrenos acidentados dos desvios doutrinários. Significa prontidão para a marcha. Álvaro Pais afirma que a sandália "é o exemplo dos santos"<sup>20</sup> e Alonso de Espina complementa: "o apóstolo acrescenta um capítulo sobre eles: calçados os pés na preparação do evangelho da paz. O exemplo dos santos também se chama calçamento porque protege os fiéis contra os afetos terrenos".<sup>21</sup> Alonso de Espina pretende, nesta parte da armadura da fé, esclarecer que é dado a todos o poder de testemunhar a favor da Igreja e, neste sentido, de Cristo.

<sup>18</sup> "De secunda armatura que est virtus iusticie, subdit apostolus circa eodem, et induti lorica iusticie, hac muniuntur fideles contra hostem avariciae, de qua dicitur ecclesiastici .IIII. nihil iniquius quam amare pecuniam. Et dicitur lorica iusticie, quia sicut lorica munit totum corpus sic iusticia reddendo unicuique quod suum est universaliter soluit omnes quod debet ut nullus possit agere contra eam Esaias LIX Indutus est iustitia ut lorica". FF. Fol. II verso.

<sup>19</sup> "Quatuor autem facit calciamentum. Primo valet ad defensionem sicut frigoris spinarum et luti. Sic et bonum exemplum defendit contra frigus infidelitatis, contra spinas cupidatis et contra lutum libidinis". FF. Fol. II verso.

<sup>20</sup> PAIS, EPI, Vol. III, p. 137

<sup>21</sup> "Apostolus subiungit capitulum eodem. Et calciati pedes in preparatione evangelii pacis. Dicuntur autem sanctorum exempla calciamenta, quia hiis muniuntur fideles contra affectum terrenorum". FF. Fol. II verso.

Após calçar as sandálias do Evangelho da paz, Espina define que é hora de tomar o escudo da fé, “a fé da Incarnação”.<sup>22</sup>

Sobre a armadura que é o escudo da fé, disse o apóstolo no mesmo capítulo: tomando sobretudo o escudo da fé; o escudo é a fé encarnada. Além disso, o escudo é a trindade para além do uno, do mesmo modo que Cristo é uma pessoa tríplice e, no entanto, possui a substância divina, assim como corpo e alma.<sup>23</sup>

A explicação sobre a fé pode ser sintetizada numa passagem da Epístola aos Hebreus 11:1 “A fé é a garantia dos bens que se esperam, a prova das realidades que não se veem”. A fé, portanto, atua em duas frentes: as coisas que esperamos e as coisas que não vemos. A guerra espiritual contra os inimigos da fé enquadra-se nessa perspectiva. Os inimigos invisíveis da fé – os demônios – manipulam os homens para levá-los à perdição. Ao fim e ao cabo, a luta terrena visa o objetivo místico da salvação e a condução da humanidade ao paraíso celeste, por oposição ao inferno. Ela é, portanto, a esperança do futuro.

Depois de empunhar o escudo da fé, Alonso de Espina anuncia a etapa seguinte: colocar o capacete da esperança.

Sobre a quinta armadura que é o capacete da esperança, adiciona o apóstolo no mesmo capítulo “tomai o capacete da esperança”. Esta armadura protege os fiéis contra a vaidade deste mundo porque dá a eterna esperança e despreza as coisas temporais facilmente. Como em Isaías IV, “os que esperam no senhor transformarão as forças”, como são fortes no espírito receberão penas de cor escura, assim como pela esperança e vontade desejarão o céu. Por esta razão, a esperança eterna é protegida pelo capacete da salvação, nas adversidades e perigos, e guarda ileso a mente.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> PAIS, EPI, Vol. III, p. 137. Na fonte está escrito “incarnação”, optamos por manter o original.

<sup>23</sup> “De armatura que est scutum fidei ait apostulus capitulum eodem In omnibus sumentes scutum fidei, scutum est fides incarnationis. Est enim scutum triangulum licet super unum, ita et christus est una persona triplicem tamen habet substantiam sicut deitatem carnem et anima”. FF. Fol. II verso.

<sup>24</sup> “De quinta armatura que est galea spei, addit apostulus in capitulum eodem Et galeam salutis adsumite. Hac armatura muniuntur fideles contra vana huius mundi, qui enim sperat eterna de facili contemnit temporalia. Unde Esaie IIII, Qui sperant in domino mutabunt fortitudinem, ut sint fortes in spiritualibus assument pennas ut aquile, ut per spem et desiderium volent ad celestia. Galea caput protegit, quare spes eternorum ab adversitatibus mentem illesam custodit”. FF. Fol. III retro.

Assim como o elmo visava proteger a cabeça do soldado, também o capacete da esperança protegia a mente, onde se encontra o principal campo de batalha. A esperança é dividida em três partes: o perdão, a graça e a glória de Deus. Cada uma delas se oporia a um pecado: o desespero, a pusilanimidade - ou vão temor - e a presunção - ou vanglória. Por fim, somente após a preparação espiritual, o cavaleiro cristão pode empunhar a espada do verbo de Deus: "e o *gládio do espírito*", para a mortificação da carne (Cântico III: "sobre a sua coxa está pendente a espada de cada um por causa dos temores noturnos"; Mateus X: não vim trazer a paz, mas a espada"...).<sup>25</sup> Claramente, a intenção da espada é a realização do juízo como arma ofensiva. Somente os que combatem e resistem ao inimigo podem receber a espada do verbo de Deus.

Conforme Espina, os fiéis devem se armar na guerra espiritual, e colocar os seis tipos de armadura que os protegerão no combate aos inimigos da fé – cinco para proteção e uma arma para atacar (a espada do verbo de Deus). Somente podem ir à guerra aqueles preparados não só fisicamente, mas espiritualmente, para lutar. Visto que, mesmo uma causa justa pode se tornar injusta se os ânimos não estiverem conforme as virtudes.

O cristão deve vestir a armadura de Deus, sem negligenciar qualquer peça. Assim, estarão firmes contra as ciladas do diabo. A mensagem é clara: o cristão, vestindo a armadura espiritual, e usando as armas espirituais, prepara-se para "conquistar" o mundo para Cristo. A armadura espiritual é, frequentemente, o resultado, ou o acompanhamento de um conflito externo, implicando uma luta contra os inimigos espirituais, assim como contra os adversários humanos.

A proposta das armas é didática, absorvida por um significado simbólico moralizante, que permite associar motivos militares e crenças religiosas, estabelecendo o ideal de cavaleiro como soldado de Cristo. A tradição exegética medieval possibilitou a fusão de dois arquétipos, a do homem santo e a do guerreiro,

---

<sup>25</sup> PAIS, EPI, Vol. III, p. 137

construindo a imagem da igreja combatente. Conforme São Bernardo de Claraval, ao falar sobre a *militia christi*:

Este é um gênero de milícia não conhecido nos séculos passados, no qual se dão ao mesmo tempo dois combates com um valor invencível: contra a carne e o sangue e contra os espíritos de malícia espalhados pelos ares. Em verdade, acho que não é maravilhoso nem raro resistir generosamente a um inimigo corporal somente com as forças do corpo. Tampouco é coisa muito extraordinária, se bem que seja louvável, fazer guerra aos vícios ou aos demônios com a virtude do espírito, pois se vê todo o mundo cheio de monges que estão continuamente neste exercício. Mas quem não se pasmará por uma coisa tão admirável e tão pouco usada como é ver a um e outro homem poderosamente armado dessas duas espadas, e nobremente revestido do caráter militar? <sup>26</sup>

Conforme Jean Flori,<sup>27</sup> a progressiva sacralização da função guerreira exercida em benefício da Igreja visando a defesa da fé cristã permitiu uma aproximação entre o modelo de guerreiro e aquele dos monges. <sup>28</sup> Contudo, mesmo após a sacralização da guerra, exigia-se que os guerreiros combatentes seguissem um código. Embora o combate contra os inimigos da fé seja justo e santo, este poderia perverter-se e desnaturalizar-se se não fosse conduzido sem maus sentimentos ou interesses materiais.

A guerra justa é o castigo merecido provocado por uma injustiça. Esta acabará sendo travada por uma necessidade, um meio para se conseguir a paz – a condição única e indispensável para a justiça. Mas além da causa justa é necessário que o

---

<sup>26</sup> "Oui, c'est là une chevalerie d'une espèce nouvelle, que les siècles passés n'ont pas connue, et par laquelle le Seigneur mène infatigablement et conjointement un double combat: "contra la chair et le sang et contre les esprits du mal dans les espaces celestes". Au vrai, résister courageusement par les seules forces du corps à un ennemi "corporel" d'ici-bas, ne me paraît pas tellement surprenant, d'autant que ce n'est pas une rareté. Et par ailleurs, engager la force de l'âme dans une guerre contre les vices et les démons: cela non plus n'est pas étonnant quoique digne de louange: le monde, on le voit bien, est rempli de moines". In CLAIRVAUX, Bernard. **Éloge de la nouvelle chevalerie. Sources Chrétiennes** n. 367. Paris: Les Éditions du Cerf, 1990, p. 24.

<sup>27</sup> FLORI, Jean. **Guerra Santa, Yihad, Cruzada. Violencia y religión en el cristianismo y el islam**. Granada: Universidad de Granada y Universidad de Valencia, 2004, p.181 e ss.

<sup>28</sup> "Podemos seguir el progreso de dicho movimiento a lo largo de los siglos X y XI, sobretudo en la liturgia, la cual revela la progresiva sacralización de las armas y de sus portadores, en las oraciones pronunciadas sobre las espadas, sobre las banderas entregadas a los príncipes y a sus ejércitos que se ponían en pie de guerra, pero también en las inscripciones de carácter religioso o talismánicas grabadas en las hojas de las espadas, en los rituales compuestos, particularmente en el siglo X, para las ceremonias de investidura de los procuradores o de los defensores de las iglesias, etc". In: FLORI, Jean. Op. cit. p.184.

*animus*, a intenção, não seja condenável. A guerra, quando justa, pode tornar-se injusta se quem a move se deixar arrastar pelos vícios.

Assim, a imagem de Peraldo permite ver que o cavaleiro não luta sozinho contra a monstruosidade dos inimigos que o encaram no fólio oposto do documento. O cavaleiro é precedido pelos sete dons do Espírito e suas virtudes complementares. Embora na imagem de Peraldo os inimigos sejam representados sob a forma grotesca de demônios, uma edição do *Fortalitium Fidei*, de 1475, nos apresenta, em uma linda xilogravura pintada à mão, os inimigos que assediam a Igreja.



**Figura 2:** Ilustração do incunábulo do séc XIV *Fortalitium Fidei* c. 1475 de Alonso de Espina

Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.3931/e-rara-19695>>. Acesso em março de 2018.

Na imagem, a Igreja é representada pela torre<sup>29</sup> – a fortaleza – e, em volta, os inimigos, provavelmente judeus, hereges, sarracenos e, até mesmo, demônios, que empunham armas contra ela e, por conseguinte, contra os defensores da fé.

<sup>29</sup> "Do facto de a Igreja ser una, e, por consequência ordenada, segue-se outra condição, a saber: a de ser firme e forte. Segundo o Filósofo, a força unida é mais forte que a dividida. Devido à sua unidade, a Igreja torna-se forte e

A imagem de Peraldo e a imagem do *Fortalitium* compartilham a mesma percepção sobre a guerra. Embora Peraldo não retrate, claramente, a guerra contra os inimigos da fé, o discurso que acompanha a imagem não poderia ser mais evidente. O cavaleiro não porta somente armas espirituais, as suas armas físicas são carregadas de conotações espirituais.

As virtudes como forma ideal de valoração pessoal serviriam como anteparo moral contra os vícios. A virtude visa, ao mesmo tempo, corrigir os vícios e evitá-los. Elas tomam a forma de uma unção interior que retira as marcas do pecado e permite expiá-los. Somente pelo exercício das virtudes a comunidade cristã poderá ser salva. A salvação significa, ao mesmo tempo, a vitória da Igreja contra seus inimigos e a eficácia da fé cristã.

Conforme Peraldo, a primeira virtude, o temor de Deus<sup>30</sup>, junto à sua virtude complementar, a pobreza<sup>31</sup>, combatem a soberba e suas subespécies de vícios: injúria, difamação, presunção, desobediência, irreverência, orgulho, vanglória, arrogância, insolência, discussão.<sup>32</sup> Já no *Estado e Pranto da Igreja*, Pais argumenta que as sete virtudes se assemelham ao fogo em sete aspectos. Conforme a primeira virtude, o temor de Deus, ele argumenta:

Primeiro, o fogo reduz a cinza e humilda o que é alto. Assim, o espírito do temor, pela virtude da humildade, que induz, humilda, deprime e no fim solidifica o coração elevado, e, assim, se submete a todas as coisas, recordando aquilo de Eclesiastes, I, 28: "quem não tem este temor, não poderá ser justo".<sup>33</sup>

---

firme. A própria ordem também a faz mais forte. Por isso é que no Cântico se diz que ela é como um exército formado em linha de batalha. Forte é, realmente, a Igreja, porque é firme contra o ataque dos inimigos, sejam eles os demônios, ou os tiranos, ou os hereges, e tão firme que não desfalece, porque não pode deixar de existir, antes cresce e se revigora com os ataques dos inimigos. Contra os demônios ela é forte pela paciência. Contra os hereges e filósofos do mundo é forte pela sabedoria divina. Ela é **a torre de Davi com seus baluartes**, da qual estão penderes mil escudos e toda a armadura dos heróis, não a armadura carnal, mas a espiritual".

<sup>30</sup> Spiritus Temoris Deum

<sup>31</sup> Paupertas

<sup>32</sup> Contumelia, contemptos, presumptio, inobedientia, irreverentia, elatio, inanem gloriam, arrogantia, insolentia, contentio.

<sup>33</sup> PAIS, EPI, Vol. VIII, p. 375



Já a segunda virtude, a piedade<sup>34</sup>, junto à sua virtude complementar, a mansidão,<sup>35</sup> combatem a inveja e suas subespécies de vícios: malignidade, difamação, impreciação, ingratidão.<sup>36</sup> Para Álvaro Pais, a virtude da piedade se assemelha ao fogo, pois,

[...]o fogo consolida. Assim, o espírito da piedade, pela virtude da mansidão que induz, faz o homem paciente para sofrer todas as injúrias. Pelo que diz a glosa que o Espírito Santo com a presença da piedade robustece o homem no sofrimento. Eclesiástico, II, 2: "Humilha teu coração (subtenda-se: pela mansidão)".<sup>37</sup>

A terceira virtude, a ciência,<sup>38</sup> e sua virtude complementar, o choro pelo próximo<sup>39</sup>, combatem a ira e os vícios que a ela se vinculam: perversidade, malícia, furor, homicídio, malignidade, ódio, discórdia, rixa, injúria, contumácia, impaciência.<sup>40</sup> A ciência se assemelha ao fogo porque

[...]ilumina. Assim faz o espírito da ciência pela bem-aventurança e virtude que é o choro. De facto, quando alguém vê a sua miséria e a do próximo, chora a ausência do reino dos céus, e, assim, se pratica e dilata a caridade. Salmos, XLI, 4: "As minhas lágrimas foram o meu pão de dia e de noite, etc.". <sup>41</sup>

Já a virtude da fortaleza, junto à fome de justiça, combate a acídia e seus vícios: improvidência, imprudência, tepidez, covardia, desídia, preguiça, pusilanimidade, negligência.<sup>42</sup> Conforme Pais, a fortaleza se assemelha ao fogo porque ele "está sempre faminto". Assim, o espírito da fortaleza tem sede de justiça e fome do mais alto grau de perfeição".<sup>43</sup>

---

<sup>34</sup> Spiritus Pietatis

<sup>35</sup> Mansuetudo

<sup>36</sup> Malignantas, (?), (?), Detractionem, (?), Deprecatio, Ingratitudo. Alguns dos elementos não conseguimos transcrever e, portanto, estão representados por um ponto de interrogação.

<sup>37</sup> PAIS, EPI, Vol. VIII, p. 375.

<sup>38</sup> Spiritus Scientie

<sup>39</sup> Luctus per proximus (?)

<sup>40</sup> Protervitatem, malitia, (?), furor, homicidium, malignitatem, odium, discórdia, rixa, iniuriam, contumelia, impatientia.

<sup>41</sup> PAIS, EPI, Vol. VIII, p. 375.

<sup>42</sup> Improvidentia, incircumspectionem, tepiditatem, ignavia, desidia, pigritia, pusilaminitas, negligentia.

<sup>43</sup> PAIS, EPI, Vol. VIII, p. 375.

Por sua vez, o espírito de conselho, com a virtude da misericórdia, combate a avareza e os pecados que a acompanham: rapina, violência, inquietude, julgamento injusto, obstinação, dolo, ambição, usura, latrocínio, perjúrio, furto, mentira.<sup>44</sup> Conforme Pais, o conselho é como o fogo pois “[...] comunica-se a todas as coisas. Assim o dom do conselho está à disposição de todos pela virtude da misericórdia que introduz, e que a ninguém se esquivava em caso de necessidade, porque Deus é vencido pela misericórdia”.<sup>45</sup>

Já o espírito do intelecto, junto com o coração limpo, combate a gula e seus vícios: impureza, desonestidade, imodéstia, gula, embriaguez, desperdício, destemperamento, petulância.<sup>46</sup> Desta forma, conforme o bispo silvense, o intelecto purga e limpa, porque “[...] *intus legit* (lê interiormente), limpa o interior e prepara a virtude da pureza”.<sup>47</sup>

A sabedoria, unida à paz, combate a luxúria e suas subespécies de vícios: incesto, pecado contra a natureza, simples fornicação, adultério.<sup>48</sup> Na analogia ao fogo, Álvaro Pais diz que pela ação natural do fogo de tender sempre para cima, “[...] o dom da sabedoria, pela virtude da paz que introduz, arrebatada para cima para a meditação das coisas celestes. [...] conserva a paz do coração e o repouso do espírito”.

Tendo em vista essa oposição, percebe-se que o *miles christi* será acompanhado das virtudes – e dos dons do espírito – as quais se oporão em combate singular a cada um dos sete pecados capitais e dos vícios que os acompanham. No entanto, o ponto fulcral não consiste na polarização das virtudes em relação aos vícios. O mérito dessas obras é o de demarcar o *habitus animi optimus* e o *habitus mentis bene constitute*, ou seja, explorar as definições, elevando-as a um plano sobrenatural. A virtude tem seu substrato nas disposições naturais ao bem; mas ela consiste no bom uso que dela se faz, conforme o *debitum officium* e o

<sup>44</sup> Rapina, violentia, inquietudo, iniusta iudicia, obstinatio, dolii, ambitius, usura, latrocinium periuria, furtum, mendatia.

<sup>45</sup> PAIS, EPI, Vol. VIII, p. 375.

<sup>46</sup> Impudicia, inhonestas, imodéstia, gulositas, ebrietas, prodigalitas, inabstinens, inverecundia.

<sup>47</sup> PAIS, EPI, Vol. VIII, p. 375.

<sup>48</sup> Incestus, pecudialis, simplicem fornicatio, adulterium.

*debitus finis*. O *officium* reside na obrigatória submissão às leis da Igreja, e o *finis* não é outro senão alcançar a paz e a justiça divina.

Ambos os autores, ao discorrerem sobre os vícios e virtudes, não estão preocupados unicamente com os princípios teológicos. Tais discursos encerram um viés jurídico e político. Por trás do discurso sobre as virtudes emerge a questão da guerra justa, da legitimidade do combate aos inimigos da fé, da conformidade do bom cristão e de como este deve se comportar. Mesmo que o léxico seja teológico, no fundo trata-se do registro político-moral da dominação legítima. Sendo assim, a prática da vida militar era santificada desde que as atividades visassem um fim religioso. A guerra não excluía, portanto, a santificação do guerreiro.

A alegoria do *miles christi*, tratada por Peraldo, Álvaro Pais e Alonso de Espina, deve ser entendida em uma sociedade que visa criar uma ordem em todas as dimensões da vida: não somente governamental, legal e religiosa, mas também socioeconômica, intelectual e moral. A imagem de Peraldo e os discursos de Álvaro Pais e de Alonso de Espina trazem este ideal religioso como uma força unidirecional de paz e ordem. É legítimo, então, recorrer à guerra para restabelecer a paz e a tranquilidade da ordem. A guerra justa pode ser vista como um ato de caridade social.

As imbricações entre a guerra, a paz e a justiça são dominantes nas reflexões sobre a guerra justa contra os inimigos da fé. Em suma, entende-se que não se busca a paz para promover a guerra, mas, ao contrário, se vai à guerra para conquistar a paz e fazer a justiça. A guerra torna-se uma necessidade, visto que pior seria a subjugação dos justos pelos injustos.

As forças do bem e o poder do mal estão em constante conflito, a verdade e a luz estão em contínuo ataque contra a mentira e a escuridão. Entretanto, o campo de batalha dessa intensa guerra espiritual é a terra, e o objetivo é alcançar os corações de cada indivíduo. Por essa razão, os cristãos são chamados a ser mais do que espectadores passivos desse conflito, mas soldados da Igreja militante. A guerra é parte da justiça, pois visa a corrigir os defeitos e os vícios.

gloriã et honore tue sancte fidei catholice. et in remissidem delictorũ meoꝝ. hunc librũ scribere quẽ fortaliũ fidei noio meũq; intel lectum tue maiestati comẽdo. et sic cu splen doꝝ lucis tue illuminare digneris. vt illa scribã q; tue sint placita voluntati ad cõsola cõem fidelium. et p defensiõẽ tue sanctissi me fidei. In q; q; quid bñ dictũ iueniat. tibi tribuat. a q; omne bonũ est. Si quid vere min⁹ caute dictum fuerit tenuolũ peto cor rectoꝝ in omib; me s̄mittẽs detor miacõĩ ecclie catholice tue immaculate sponse. Su mens i tuo noie p fũdamẽto nri ierpugna bil fortalicũvbum preassũptũ. Turris for titudis a facie immiã. ps. lx. Et p mittit fi gura pugne. i q; fortaliũ quq; turriũ cu ei⁹ onatu et amatura debuit pmo libro. De reũ fodiẽtes siue p inuũ fortaliũ pforã tes debuiunt scdo. Iudã vero signati velati et catenis vinculati debuiunt tẽo. Bellũz sarracenoꝝ et xpianoꝝ debuit q̄to. De z mones vero ab angel; pstrati debuiunt q̄to libro. .



**Incipit liber primus in quo continentur tres consideraciones.**

**Q**uod ordo i p̄sentĩ libro quinq; erũt p̄iales libri q̄si q̄nq; turres fortalicũ fidei ierpugnabiles. Pri mus erit de vera xpi mili tũ amatura et d fide catho lice excellẽcia. Secũd⁹ erit d bello sarracõũ xpianoꝝ et hẽticõũ et eã et eorũ astucia. Tercũ⁹ erit de bello iudeoꝝ et eã et eorũ crudelitãtib; et malicia. Quar t⁹ erit d bello sarracenoꝝ et eã et de eoꝝ et siue legis immũdicia. Quĩt⁹ erit de bello dyabolo rũ cõẽ eandẽ et d p̄dicõẽ domini eorũ et mi seria. Circa p̄mũ librũ tres erũt p̄ncipa les consideraciones. Prima erit de armatura omĩm fidelũ in ḡnali. Secũda de amatura ve roꝝ p̄dicatoꝝ i sp̄iali. Tercia erit de nobilitate et excellẽcia fidei catholice i p̄clari.

**De armatura omĩm fidelium in generali.**

**Q**uia p̄mã consideracõem q; e d ama tura fidelũ in ḡnali. hoc e omnes fi deles cuiuscũq; stat⁹ ap̄prehẽdẽdo sequantĩ Apostolũ ad Eph. vlt. c. Qui sp̄i ritũ sacro illustrat⁹ docent qualĩ fideles de debet armari i sp̄iali bello. Et ponit sex ar moꝝ ḡna. quorũ q̄nq; sũt ad resistẽdũ. vñũ ad impugnãdũ scz verbũ dei. Prima armatura e studiũ cõĩcẽcie. Secũda e virt⁹ iu sticie. Tercia e exẽpla sanctorũ. Quar ta armatura e securũ fidei. Quinta e galea sp̄i Sexta est gladius verbi dei. De p̄mã ar matura dicit aplũs scate fugiẽti lĩbos ve stros in veritate. hac munitur fideles cõẽ hostẽ familiarẽ scz vera luxuriã. de qua d; job. xl. fortitudo eius ni lumb; eius qm̄ in eis e vis generãtia. Et debet fideles ut bñ sint muniti hac amatura acẽngi zona quin tupliã. Primo debet acẽngi zona pellicea. que est mortificacõẽ carnis. hac acẽngi sũt iohes baptista et helias. Secundo debet ac ẽngi zona iusticie que e per cõũm boni ope ris. de qua dicit ps. xi. Erũt iusticia angu lum lĩboꝝ ei⁹. Tercõ debet acẽngi zona

**Figura 3:** Cópia do fol. II retro do incunábulo do séc XIV *Fortalitium Fidei* c. 1475 de Alonso de Espina. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3931/e-rara-19695>>. Acesso em março de 2018.

**De armatura omnium fidelium in generali. Et ponuntur hic sex genera armorum spiritualium**

Circa primam considerationem quae est de armatura fidelium in generali, hoc est omnes fideles cuiscunque status comprehendendo sequamur apostulum ad Ephesiu ultimu capitulum que spiritum sancto illustratus docuit qualiter fideles debent armari in spirituali bello. Et ponit sex armorum genera, quorum quinque sunt ad resistendum, unum ad impugnandum sicut verbum dei.

Prima armatura est studium continentie. Secunda est virtus iustitie. Tertia est exempla sanctorum. Quarta armatura est scutum fidei. Quinta est galea spei. Sexta est gladius verbi dei.

De prima armatura dicit apostulus, state succincti lumbos vestros in veritate, hac muniuntur fideles contra hostem familiarem sicut contra luxuriam, de qua dicitur Job XI, fortitudo eius in lumbis eius quam in eis est vis generatia. Et debent fideles ut bene sint muniti hac armatura accingi zona quintuplici.

Primo debent accingi zona pellicea, que est mortificatio

**Sobre a armadura de todos os fiéis em geral. E se colocam aqui os seis gêneros de armadura espiritual**

A respeito da primeira consideração que existe sobre a armadura dos fiéis em geral, isto é, todos os fiéis, qualquer que seja seu status, compreendendo o que se segue do apóstolo, último capítulo de Efésios, o que o iluminado Espírito Santo instruiu e de que forma os fiéis devem se armar na guerra espiritual. E colocou seis tipos de armas, das quais cinco são para a resistência e uma para atacar, de acordo com o verbo de Deus.

A primeira armadura é o estudo da temperança. A segunda é a virtude da justiça. A terceira é o exemplo dos santos. A quarta armadura é o escudo da fé. A quinta é o capacete da esperança. A sexta é o gládio do verbo de Deus.

Diz o apóstolo com relação à primeira armadura: estando vossos lombos cingidos pela verdade, com esta os fiéis protegem-se contra o inimigo familiar, assim como contra a luxúria, da qual se diz em Jó XI: "a força dela está nos seus lombos" como neles está sua força geradora. E os fiéis, para munir-se dessa armadura, devem cingir-se com o cinto quántuplo.

Primeiro devem cingir-se com um cinto sobre a pele, que é a

carnis, hac accincti sunt Iohannes Baptista et Helyas. Secundo debent accingi zona iusticie que est exercitium boni operis, de qua dicitur Esaias XI: erit iusticia singulum lumborum eius.

Tertio, debent accingi zona fortitudinis, ut primis motibus viriliter resistant de qua dicitur Proverbiorum ultimo: Accincit fortitudine lumbos suos.

Quarto debent accingi zona humilitatis, hoc est lintheo quo dominus accinctus lavit pedes discipulorum suorum.

Quinto debent fideles accingi zona veritatis, sicut evangelice permissionis, Matheus XIX: sunt eunuchi qui se castraverunt propter regnum celorum, qui hac quintuplici zona accinctus fuerit erit vere armatus studio continentie.

De secunda armatura que est virtus iusticie, subdit apostolus circa eodem, et induiti lorica iusticie, hac muniuntur fideles contra hostem avaricie, de qua dicitur ecclesiastici .IIII. nihil iniquius quam amare pecuniam. Et dicitur lorica iusticie, quia sicut lorica munit totum corpus sic iusticia reddendo unicuique quod suum est universaliter solvit omnes quod debet ut nullus possit agere contra eam Esaias LIX Indutus est iustitia ut lorica.

mortificação da carne, assim como foram cingidos João Batista e Elias. Segundo, devem cingir-se com o cinto da justiça que é o exercício das boas obras, sobre o qual foi dito por Isaías XI: "a justiça será o cinto dos seus lombos".

Terceiro, devem cingir-se com o cinto da fortaleza, de maneira que os primeiros movimentos virilmente resistam, assim como está dito no último dos Provérbios "cinge com firmeza seus lombos."

Quarto devem cingir-se com o cinto da humildade, e este é o tecido com o qual o senhor, disposto, lavou os pés dos seus discípulos.

Quinto, os fiéis devem cingir-se com o cinto da verdade, assim como da permissão do evangelho em Mateus, XIX: "há eunucos que se castraram pelo reino dos céus", os quais ao se acinturarem com o quántuplo cinto foram verdadeiramente armados com o estudo ininterrupto.

Sobre a segunda armadura que é a virtude da justiça, expõe o apóstolo sobre ela: e vestidos com a loriga da justiça os fiéis estarão protegidos contra a hoste da avareza, sobre a qual está dito em Eclesiastes IV: "nada mais iníquo do que amar o dinheiro". E é dito sobre a loriga da justiça que se esta protege todo o corpo, assim

Est, enim, iusticia in corde, in ore et in opera. In corde est tripliciter: primo per amorem Matheus XXII Diliges proximum tuum sicut teipsum. Secundo est iustitia in corde per compassionem. Iob XXX compatiebatur anima mea pauperi. Est tertio iusticia in corde per iniuriarum dimissionem. Matheus VI Si enim dimiseritis hominibus peccata eorum, dimittet et vobis Pater vester caelestis delicta veram.

Est etiam iustitia in ore tripliciter. Primo per dulcem correctionem. Ecclesiasticus XIX corripe proximum antequam commineris. Secundo est iustitia in ore per consilium proverbiorum XXVIII Unguentum et variis odoribus delectatur cor et bonis amici consiliis dulcoratur. Est tertio iusticia in ore per ferventem orationem. Iacobi ultimo, orate pro invicem ut salvemini.

Est ultimo iusticia in manu, id est, in operatione etiam tripliciter. Primo per donum proverbiorum XVIII donum hominis dilataviam eius et ante principes spacium ei facit. Est autem donum datio irrepitibilis. Secundo est iusticia in per mutuuum, deuterio XXIII, Fratri tuo absque usura id, quo indiget, commodabis, ut benedicat tibi Dominus

deve a justiça dar a cada um, universalmente, para que liberte a todos e ninguém possa agir contra ela. Isaías LIX: "Vestiu-se da justiça, como de uma loriga".

De fato, a justiça está no coração, na boca e na obra. No coração está triplamente: primeiro por amor; Mateus XXII "Amarás a teu próximo como a ti mesmo". Segundo, a justiça está no coração por compaixão; Jó XXX "se angustiava minha alma pelo necessitado". E terceiro, a justiça está no coração pelo perdão das ofensas; Mateus VI "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial perdoará vossos verdadeiros erros".

Está, também, a justiça, na boca, de forma tríplice: primeiro pela doce correção; Eclesiastes XIX "Interroga o teu próximo antes de o ameaçares". Segundo, a justiça está na boca pelo conselho do livro de Provérbios, XXVII "Tanto unguento é deleitado por vários odores, quanto o coração é adoçado pelos conselhos do bom amigo". E em terceiro lugar, a justiça está na boca por meio da oração fervorosa; Tiago, último "orai uns pelos outros para que sejais salvos".

Por último a justiça está na autoridade, isto é, em uma atividade tríplice também.

Deus tuus in omni opere tuo. Tertio est iusticia in manu, id est, in operatione per auxilium ad galatas V per charitatem spiritus servite invicem.

Predicti novem gradus iusticiae, sicut tres in corde, tres in ore, tres in operatione, sunt quasi quidam annuli fortissimo quibus lorica iusticie contextitur ut illos habens merito dicatur armatus lorica iusticie.

De tertia armature que est sanctorum exempla. Apostolus subiungit capitulum eodem. Et calciati pedes in preparatione evangelii pacis. Dicuntur autem sanctorum exempla calciamenta, quia hiis muniuntur fideles contra affectum terrenorum. Quatuor autem facit calciamentum. Primo valet ad defensionem sicut frigoris spinarum et luti. Sic et bonum exemplum defendit contra frigus infidelitatis, contra spinas cupidatis et contra lutum libidinis. Unde dominus Luce, X, Ecce dedi vobis potestatem calcandi supra serpentes et scorpiones et supra omnem virtutem inimici et nihil vobis nocebunt. Et psalmista ait psalm LXXXIX Super aspidem et basiliscum ambulabis et conculcabis leonem et draconem.

Primeiro por meio do dom; Provérbios XVIII "O dom do homem alarga o caminho dele que o conduz à presença dos grandes". O dom, porém, é a ação irrepetível. Segundo, a justiça reside no empréstimo; Deuteronômio XXXIII "Ao teu irmão emprestarás isso que necessita, sem juros; para que o Senhor teu Deus te abençoe em todas as tuas obras". Em terceiro lugar, a justiça está na autoridade, isto é, na ação de auxílio; Gálatas V "servi-vos uns aos outros pelo espírito da caridade".

São preditos nove graus da justiça, três no coração, três na boca e três na operação, que são quase como os anéis com os quais a loriga da justiça é trançada fortíssimamente, de modo que tenham o mérito de se dizerem fortificados pela loriga da justiça.

Sobre a terceira armadura, que é o exemplo dos santos. O apóstolo acrescenta um capítulo sobre eles: calçados os pés na preparação do evangelho da paz. Os exemplos dos santos também se chamam calçamentos porque protegem os fiéis contra os afetos terrenos. O calçamento é feito de quatro partes. A primeira pode nos proteger do frio dos espinhos e do barro, assim como o bom exemplo protege contra o frio infidelidade, contra os espinhos da concupiscência e



Secundo calciamentum velat a puluere, sic et sanctorum exempla velant a puluere vane glorie sive laudis humane. Unde hieremias II, prohibe pedem tuum a nuditate.

Tercio valet calciamentum ad calefactionem. Sic sanctorum exempla calefaciuntur affectum nostrum erga Deum et proximum diligendum. Unde et qui edunt agnum paschalem iubentur esse calciati, Exo XII.

Quarto valet calciamentum ad ornatum. Sic et sanctorum exempla ornant nos decore virtutum, unde canticus V Quam pulchri sunt gressus tui in calciamentis filia principis. Iudith ultimus sandalia illius rapuerunt oculos eius, id est, excecauerunt oculos holofernis per quem intelligitur dyabolus. Inde est quod sandália pontificis auro et gemmis et diversis coloribus adornantur. Pro memoria predictarum proprietatum calciamenti est versus iste. Defendit velat calefacit calciamentus ornat.

De armatura que est scutum fidei ait apostulus capitulum eodem in omnibus sumentes scutum fidei, scutum est fides incarnationis. Est enim scutum triangulum licet super unum, ita et christus est una persona triplicem tamen habet substantiam sicut deitatem carnem et anima. Item in scuto corneum desuper extenditur in ligno et pingit extra, ita et caro

contra a sujeira libidinosa. Então, o Senhor disse, em Lucas, X, "Eis que vos dei o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do inimigo, e nada poderá vos causar dano". E o salmista afirma no Salmo LXXXIX "caminharás entre a víbora e o basilisco e pisarás o leão e o dragão".

O segundo calçamento protege da sujeira, assim como os exemplos dos santos protegem da sujeira da vã glória ou do louvor humano. Então, como em Jeremias, II, "não deixes teus pés nus".

O terceiro calçamento destinase ao aquecimento, tal como os exemplos dos santos aquecem nosso afeto a Deus e ao amor ao próximo. No Êxodo, XII, aqueles que anunciam o cordeiro pascal são ordenados a ser calçados.

O quarto calçamento é para o ornamento. Assim como os exemplos dos santos nos equipam de virtudes, Cânticos V: "Quão belos são teus passos nos calçamentos, ó filha do príncipe! Judite, último: "as sandálias dela roubaram-lhe os olhos", isto é, cegaram os olhos de Holofernes, que é conhecido como o diabo. Daí que a sandália do pontífice seja adornada de ouro, gemas e cores variadas. Este verso existe em favor da memória das qualidades preditas do calçamento: o calçamento

Christi extensa fuit in ligno crucis: hieremias XI Denite mittamus lignum in panem eius. Pictura est effusio sanguinis per diversas partes corporis. Esaie LXIII. Quare rubrum est indumentum tuum. Hoc scutum debe geri a sinisteris, quia ibi est corum hominis proverbiorum IIII Domini custodia serva corum tuum et cetera. Trenorum III Dabis eis scutum cordis laborem tuum.

Hoc scuto muniuntur fideles contra tela dyaboli. Unde scribitur ab apostolus, In quo possitis omnia tela nequissimi ígnea extinguere, nequam est caro, nequiorum est mundus, sed nequissimus dyabolus. Dicuntur autem tentamenta dyaboli tela propter subtilitatem. Genesis III, Serpens erat callidiorum cunctis amiantibus terre.

Dicuntur ígnea succensione, unde iob XLI halitus eius prunas ardere facit, prunae sunt carnalia desideria que dyabolus toto conamine in nostris mentibus intendit accendere. Esaías LIII, Ecce ego creavi fabrum flantem in igne prunas. His igitur opponenda est fides que acuto visu invisibilia comprehendit, et

defende, protege, aquece e orna.

Sobre a armadura que é o escudo da fé, disse o apóstolo no mesmo capítulo: tomando sobretudo o escudo da fé; o escudo é a fé da encarnação. Além disso, o escudo é a trindade para além do uno, do mesmo modo que Cristo é uma pessoa tríplice e, no entanto, possui a substância divina, assim como corpo e alma. Da mesma forma, se estende no escudo de madeira para além dele e o embeleza, assim também a carne de Cristo fora estendida na madeira da cruz, Jeremias XI "destroí a árvore com seus frutos". O derramamento de sangue é como pintura através das diversas partes do corpo; Isaías LXIII, "porque está vermelha a tua vestimenta". Este escudo deve ser carregado do lado esquerdo, porque aí está o coração do homem; Provérbios IV, "guarda o teu coração e outras coisas na custódia do Senhor" etc. lamentações III "Dar-lhes-ás o escudo do coração feito por ti". Por esta razão, os fiéis são protegidos pelo escudo contra a trama do diabo. Onde está escrito pelo apóstolo "com o qual podereis extinguir a trama inflamada do maligno". Maligna é a carne, o mundo é dos malignos, mas o mais maligno é o diabo. Além disso, dizem que a tentação do diabo

subtilitates temptationum per spicit, unde II Corintius II non enim ignoramos cofitationes eius. Est etiam prima gratia unde et dicitur ros matutinus, et ideo fervorem tentationis extinguit. Unde ecclesiastico XLVIII Ros obvians ab ardore venienti humilem efficiet eum.

De quinta armatura que est galea spei, addit apostolus in capitulum eodem Et galeam salutis adsumite. Hac armatura muniuntur fideles contra vana huius mundi, qui enim sperat eterna de facili contemnit temporalia. Unde Esaie VIII, Qui sperant in domino mutabunt fortitudinem, ut sint fortes in spiritualibus assument pennas ut aquile, ut per spem et desiderium volent ad celestia. Galea caput protegit, quare spes eternorum ab adversitatibus ictibus mentem illesam custodit. Est autem triplex spes.

Prima dicitur spes veniæ, de qua dicitur Ezechiel XVIII Quacumque hora peccatorum ingemuerit vita vivet et non morietur. Hec defendit ab ictu desperationis.

Secunda dicitur spes gratiæ, id est, petri, id est, sperate in eam que offertur vobis gratiam in revelationem iesu christi, hec

se dá por meio de trama sutil. Genesis III, "a serpente era dos mais astutos entre todos os animais da terra".

São ditos inflamados, em Jó XLI "o hálito dele faz incendiar os carvões". Os carvões são os desejos da carne que o diabo, com esforço, pretende inflamar em nossas mentes. Isaías LIII "Eis que eu criei o ferreiro para soprar o carvão incandescente". Portanto, isto é o contrário da fé perspicaz que compreende as coisas com a visão aguda e vê as sutilezas da tentação, como em II Coríntios II "de fato não ignoramos os seus pensamentos". É, também, primeira graça, como orvalho matutino, e, por essa razão, extingue o fervor da tentação. Eclesiastes XLVIII "o orvalho, estando diante do ardor que chega, o fará humilde".

Sobre a quinta armadura, que é o capacete da esperança, adiciona o apóstolo no mesmo capítulo "tomai o capacete da salvação". Com essa armadura os fiéis são protegidos contra as coisas vãs deste mundo, o qual tem esperança nas coisas eternas e despreza facilmente as coisas temporárias. Como em Isaías IV, "os que esperam no senhor transformarão as forças", para que sejam fortes nas coisas espirituais receberão penas como de águia, para que, por meio da esperança e do desejo voem até o céu. Por

defendit a torpor  
pusillanimitatis.

Tertia dicitur spes glorie, de qua ad Romanus V, Gloriamur in spe glorie filiorum Dei, haec defendit a pondere obstinationis. E contra spes et desiderium reprobatorum vesatur circa quatuor, de quibus Sapientia V Spes impii tanquam lanugo est, sicut flos cardui quae a vento tollitur, haec est carnalis voluptas que modica egritudine vel molestia tollitur et tabescit. Sequitur secundo et tanquam spuma gracilis que a procella dispergitur, hec est favorum vel gloria temporalis que brevis esse probatur. Subiungitur tercio, et tanquam fumus qui a vento diffusus est, hoc est ambitio dignitatis que in ipso alcensu deficit.

Concludit quarto, et tanquam memoria hospitis unius diei praetereuntis, hec est prosperitas temporalis.

De quinta armatura que est gladius verbi dei, concludit apostolus, Et gladium spiritus quod est verbum dei, ad hebraeos IIII Vivus est sermo dei et efficax et penetrabilior omni gladio ancipiti. Vivus autem est in praeceptis et prohibitionibus, quia per haec vivificate. Ioannes VI Verba que

esta razão, a esperança eterna é protegida pelo capacete da salvação, nas adversidades e perigos, e guarda ilesa a mente. É também a esperança tripla.

A primeira é a esperança do perdão, sobre a qual diz Ezequiel XVIII "aquele que a qualquer hora se lamentar de uma vida de pecados viverá e não morrerá". Este defende contra o perigo do desespero.

A segunda é chamada a esperança da graça, ou seja, Pedro, isto é, esperai nessa graça, a qual é ofertada a vós na revelação de Jesus Cristo, que nos defende contra o torpor da pusilanimidade.

A terceira chamada esperança da glória, sobre a qual consta em Romanos V, "nos glorificamos na esperança da glória do filho de Deus", o que nos guarda do peso da obstinação. Contra a esperança e o desejo dos ímpios residem em quatro partes as quais estão no livro de Sabedoria V "a sabedoria do ímpio é como a lanugem", assim como a flor do cardo que é levada pelo vento, este é o desejo da carne que é tolhida por uma pequena doença ou moléstia e desaparece. Daí se segue a segunda parte: "assim como a fina espuma que é dispersada pela procela" este é o favo de mel ou a glória temporal que é provada ser breve. Acrescenta-se a terceira, "assim como o

locutus sum vobis spiritus et vita sunt, id est, spiritualis vita, et psalmista. Eloquium tuum vivificavit me. Efficax est in permissionibus (promissionibus) et comminationibus quia omnia complebuntur tempore suo. Matthei V Jota unum aut unus Apex non praeteribit a lege donec omnia fiant.

Penetrabiliorum est omni gladio in iudiciis et damnationibus, quia perdit corpus et animam in gehennam. Apocalipse I De ore eius exibat gladius ex utraque parte acutus, hec armatura est ad percutiendum, percutit enim carnem quia docet illius mortificationem, unde Canticus III uniuscuique enfis super femur suum propter timores nocturnos.

Secundo percutit mundum quia docet illius contemptum, unde Matthei X dominus dicit, non veni pacem mittere sed gladium.

Percutit tercio dyabolum, quia detegit astutias eius, unde Job XI Concident illum amici, dividunt illum negociatores. Dicitur autem gladius spiritus, quia spiritum sanctus dat ipsam. Mathei X Non enim vos estis qui loquimini sed spiritus patris vestri qui loquitur in vobis. Item dicitur gladius spiritus quia spiritus ducit ipsam. Unde Gregorius, nisi

fumo foi disperso pelo vento" esta é a ambição da dignidade que ao ascender fenece.

Conclui a quarta, "assim como a memória do hóspede de um dia de passagem", assim é a prosperidade temporal".

Sobre a quinta armadura que é a espada do verbo de Deus, conclui o apóstolo "e a espada do espírito que é o verbo de Deus", em Hebreus IV "a palavra de Deus é viva e eficaz, e é mais penetrante do que toda espada com dois gumes".

Também está viva nos preceitos e proibições, por esta razão vivificai por meio dela! João VI: "as palavras que vos tenho dito são espírito e vida", isto é, vida espiritual, e salmista. Tua palavra me vivifica. Tu és eficaz nas permissões e nas ameaças porque todas as coisas serão completadas em seu tempo.

Mateus V: "nenhum jota ou nenhum til passará até que a lei se cumpra totalmente".

Todo o gládio das coisas penetrantes está nos julgamentos e condenações porque perde o corpo e a alma na Gehena. Apocalipse I "De sua boca saía uma espada de dois gumes" esta armadura é para matar, pois mata a carne porque ensina dali a mortificação, como em Cânticos III "cada um com sua espada embainhada por causa dos temores noturnos".

Em segundo lugar, mata o

intus sit spiritus qui doceat  
lingua doctoris in vanum  
laborat, psalmista, dabit voci  
sue vocem virtutis. Et quia veri  
predicadores in bello spiritual  
singularissimum bellum gerunt  
et nimium utile in ecclesia dei.  
Ideo habita armatura fidelium  
in generali.

mundo porque ensina a  
indiferença deste, onde Mateus  
X, "diz o senhor, não vim trazer  
a paz, mas a espada".

Em terceiro lugar, mata o diabo  
porque expõe suas astúcias,  
em Jó XI "os amigos o  
abaterão e os negociantes o  
dividirão". Também é chamado  
de gládio espiritual porque é  
dado pelo próprio Espírito  
Santo. Mateus X "porque não  
sois vós quem falareis, mas o  
espírito de vosso pai que fala  
em vós". Da mesma forma, é  
nomeado gládio espiritual  
porque o espírito o guia, como  
em Gregório "a menos que  
dentro esteja o espírito que  
ensine a palavra do pregador  
em vão trabalha; o salmista  
dará a voz da virtude com sua  
voz. Eis porque verdadeiros  
pregadores movem uma  
guerra espiritual singularíssima  
e bastante útil na Igreja de  
Deus. Por esta razão aí reside a  
armadura dos fiéis em geral.